

**Universidade de Brasília**

**Instituto de Psicologia**

**Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações**

**Influência de variáveis disposicionais e contextuais na confiança, no civismo e na  
identificação nacional: Mensuração implícita e explícita entre brasileiros**

Doutorado

Raquel Raíssa Sousa Loewenhaupt

Brasília

2020

**Universidade de Brasília**

**Instituto de Psicologia**

**Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações**

**Influência de variáveis disposicionais e contextuais na confiança, no civismo e na  
identificação nacional: Mensuração implícita e explícita entre brasileiros**

Doutorado

Raquel Raíssa Sousa Loewenhaupt

Orientador: Prof. Dr. Fabio Iglesias

Brasília

2020

## BANCA EXAMINADORA:

---

Dr. Fabio Iglesias  
Universidade de Brasília  
Presidente

---

Raquel Hoerstring, PhD  
University of Prince Edward Island, Canadá  
Membro externo

---

Prof. Dr. André Luiz Alves Rabelo  
Universidade de Brasília  
Membro interno

---

Claudio Vaz Torres, PhD  
Universidade de Brasília  
Membro interno

---

Prof. Dra. Goiara Mendonça de Castilho  
Universidade de Brasília  
Membro suplente

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus, minha família e amigos. Ao meu orientador, prof. Dr. Fabio Iglesias, pelo apoio e pela confiança. Ao amigo prof. Dr. Víthor Rosa Franco, por compartilhar sua expertise em análise de dados e pela ajuda na análise de juízes juntamente com os amigos Gabriela Campelo, MSc. Lude Marieta, Dr. Victor Keller e prof. Dr. Renan Saraiva. A todos os participantes, que cederam seu tempo gentilmente possibilitando a realização das pesquisas. Ao prof. Dr. Ronaldo Pilati, por fornecer suporte material sem o qual as pesquisas não seriam viabilizadas. Muito obrigada!

“O que seria de você sem mim?

O que seria de mim sem você?

O que seria de nós dois sem nós?

O que seria de nós dois?”

O que seria de nós – Vanguard

## Sumário

Resumo.....	VIII
Abstract.....	IX
Introdução.....	1
Bem-estar Comum: Para Além do Autocentramento.....	1
Como Confiança e Civismo se Desenvolvem?.....	3
O Grupo e Eu: Relação Implícita entre Identificação Nacional, Confiança no Endogrupo e Autoestima.....	5
Teste de Associação Implícita: Utilização e Limitações da Relação com Medidas Explícitas..	6
Efeitos de Variáveis Disposicionais e Contextuais na Identificação Nacional, na Confiança e no Civismo.....	8
Sexo e idade.....	8
Acessibilidade.....	8
Percepção de controle.....	9
Confiança.....	10
Objetivos.....	10
Estudo 1 – Efeito de Variáveis Disposicionais na Confiança, na Identificação Nacional e no Civismo entre Adolescentes.....	12
Método.....	12
Resultados.....	13
Discussão.....	16

Estudo 2 – Construção de Testes de Associação Implícita para Mensuração da Identificação Nacional e Confiança no Endogrupo.....	18
Método.....	18
Resultados.....	21
Discussão.....	24
Estudo 3 – Efeito de Variáveis Disposicionais e Contextuais na Autoestima Implícita, na Confiança Implícita no Endogrupo, na Identificação Nacional Implícita e no Civismo.....	27
Método.....	28
Resultados.....	29
Discussão.....	35
Limitações.....	39
Considerações Finais.....	41
Referências.....	42
Apêndice A.....	49
Apêndice B.....	50
Apêndice C.....	51
Apêndice D.....	52
Apêndice E.....	53
Apêndice F.....	54

## Resumo

Questões relacionadas à cidadania são fundamentais num cenário em que a política parece ditar grande parte da agenda dos brasileiros, nas mais diversas áreas. Esta tese teve o objetivo geral de identificar efeitos disposicionais e contextuais na identificação nacional, na confiança e no civismo, bem como na relação entre essas variáveis. Apesar de reconhecidamente necessárias para que haja bem-estar social, são ainda escassamente pesquisadas, seja por estratégias de mensuração explícita ou implícita. O Estudo 1 testou a influência de variáveis disposicionais na identificação nacional, na confiança e no civismo, e o efeito da confiança no civismo entre adolescentes ( $n = 201$ ), que responderam a itens do *General Social Survey*, a itens de civismo e à Escala de Identificação Nacional. Foram identificados efeitos do sexo no civismo e na identificação nacional. No Estudo 2 foram desenvolvidos testes de associação implícita (TAI) para mensurar confiança no endogrupo e identificação nacional implícitas, além de verificar a relação desses testes, e de TAI de autoestima, com medidas explícitas correspondentes entre adultos ( $n = 98$ ). Apenas um dos TAIs se correlacionou com a medida explícita. Foram verificados efeitos do sexo na identificação nacional implícita e em dimensões da identificação nacional explícita. A ordem de apresentação das medidas teve efeito na autoestima explícita e a instituição de ensino dos participantes teve efeito na autoestima e na identificação nacional implícitas. Já no Estudo 3 testou-se a associação entre autoestima, confiança no endogrupo e identificação nacional implícitas, assim como os efeitos, nesses aspectos e no civismo, de variáveis disposicionais e contextuais também entre adultos ( $n = 78$ ). Foi verificada relação positiva e significativa entre autoestima, confiança no endogrupo e identificação nacional implícitas. O período da coleta, antes ou depois das eleições, diminuiu a confiança implícita e o civismo. Os resultados são discutidos frente à literatura de cognição social e suas potenciais implicações ao civismo.

Palavras-chave: Identificação nacional, Confiança, Civismo, Teste de Associação Implícita

## Abstract

Issues concerning citizenship are fundamental in a context where politics seem to dictate a major part of Brazilians' agenda, in many diverse areas. This doctoral dissertation investigated some dispositional and contextual effects on national identification, trust and civicness, as well as the relationships between these variables. Although admittedly necessary for social welfare, they are scarcely researched, both through explicit and implicit measurement strategies. Study 1 tested dispositional variables on national identity, trust, and civicness, along with the effects of trust on civicness among adolescents ( $n = 201$ ) that responded to items of General Social Survey, civicness items, and a Scale of National identification. Gender influenced civicness and national identification. In Study 2 implicit association tests (IAT) were developed to measure ingroup trust and national identification and to test the relationship of these tests, and a self-esteem IAT, with corresponding explicit measures among adults ( $n = 98$ ). Only one of the IATs correlated with the explicit measure. Again, gender influenced implicit national identification and dimensions of explicit national identification. In Study 3 an association between self-esteem, ingroup trust and implicit national identification was tested, as well as the effects of dispositional and contextual variables on civicness among adults ( $n = 78$ ). Positive relationships were found between self-esteem, ingroup trust and implicit national identification. The data collection period, before or after the elections, diminished implicit trust and civicness. Results are discussed in light of the literature of social cognition and its potential applications to civicness.

Keywords: National identification; Trust; Civicness; Implicit Association Test.

Segundo o *Global Competitiveness Index* do Fórum Econômico Mundial, o Brasil foi o 4º país mais corrupto do mundo em 2016 (Altamirano, 2016). Ainda que o posicionamento tenha melhorado um pouco nos últimos anos, esses dados sugerem que questões morais e políticas podem estar no cerne da percepção cívica dos brasileiros. Gächter e Schulz (2016) verificaram em 23 países que a corrupção não apenas prejudica a prosperidade de uma nação, como também impacta na honestidade intrínseca de seus cidadãos e na tendência a seguir regras. Os resultados do experimento indicam que países altamente corruptos têm dificuldades para mudar, justamente por seus cidadãos terem sido moldados por normas que facilitam a desonestidade. Mas há, no entanto, uma implicação prática positiva: em vez de abordar a corrupção tendo as instituições como o alvo, pode ser estratégico focar nos jovens (Makin, 2017).

A coesão entre os membros de uma sociedade – ou seja, a existência de uma identidade nacional compartilhada – é fundamental para a existência das instituições políticas (Berg & Hjerm, 2010). Para além das instituições, sociedades democráticas também precisam de algumas disposições psicológicas nas pessoas, como o comportamento cívico e a confiança (Sullivan & Transue, 1999). A falta de confiança em um país cria muitas demandas para regulação e isso implica em os cidadãos esperarem maior intervenção estatal mesmo quando o governo é corrupto (Aghion et al., 2010). Para além do combate à corrupção institucional, como se pode buscar implicações positivas na sociedade abordando aspectos cognitivos dos cidadãos como a identificação nacional, a confiança e o civismo?

### **Bem-Estar Comum: Para Além do Autocentrimento**

Segundo Crepaz et al. (2014), o civismo faz referência a comportamentos solidários e direcionados ao bem comum. Assim, a responsabilidade com o bem público, a obediência às leis, pagar a participação justa em impostos e não tirar proveito injusto dos benefícios sociais

são deveres que tornam o trabalho governamental melhor, promovendo o interesse dos membros da comunidade (Crepaz et al., 2014).

Em meta-análise sobre a base motivacional da autodefinição, Gaertner et al. (2002) encontraram que o *self* individual é mais importante que o *self* coletivo, independentemente da identificação com o grupo, da classificação do grupo como mínimo ou natural e das dimensões culturais individualismo e coletivismo. Uma limitação dessa meta-análise é que ela chegou à conclusão da aparente irrelevância das dimensões culturais individualismo e coletivismo para primazia do *self* individual, principalmente, a partir de amostras de afro-americanos, asiáticos-americanos e latinos dos Estados Unidos. Essa amostra, no entanto, provavelmente passou por um processo de aculturação (Berry et al., 2006). Mas, considerando a primazia do *self* individual, o que faz com que as pessoas adiram a normas de seu país e desenvolvam civismo?

Fukuyama (1995) teoriza sobre a sociedade de uma forma que se mostrou congruente com os achados dessa meta-análise (Gaertner et al., 2002), argumentando que o ser humano é essencialmente autocentrado, mas possui um lado moral que o faz sentir ter obrigações em relação aos outros. Para ele, a confiança é fundamental para que as relações sociais sejam bem sucedidas, não se podendo separar economia e cultura. A confiança é exatamente a crença de que as pessoas são geralmente justas, prestativas e confiáveis (Wray-lake & Flanagan, 2012); sem confiança, interações sociais e econômicas podem ser muito prejudicadas (Derks et al., 2014). Mais especificamente, a confiança no endogrupo é uma das motivações básicas da cognição humana e é definida como a tendência de confiar que seus membros façam coisas boas e sejam bons (Fiske & Taylor, 2008). É, portanto, o que se nomeia como uma associação grupo-positivo.

Segundo Fukuyama (1995), pessoas sem confiança nas outras só cooperam sob um sistema de normas e regulações que, muitas vezes, depende estritamente de meios coercitivos.

Os grupos precisam da generalização de normas para a instauração de confiança social generalizada, fundamental ao bem-estar comum (Fukuyama, 1995). Isso repercute no desenvolvimento de crenças socialmente compartilhadas, tidas como parte central dos processos motivacionais. Por isso, é recomendado que, ao analisar crenças dos indivíduos, sejam consideradas as repercussões do pertencimento a grupos nas crenças (Thompson & Fine, 1999).

Tal é o caso da identificação nacional, uma crença socialmente compartilhada que tem o potencial de sobrepor interesses de subgrupos, como classe ou religião (Berg & Hjerm, 2010). Segundo Berg e Hjerm (2010), ela é relativamente estável ao longo do tempo, influencia atitudes e percepções diferentemente das identificações individuais e é o pano de fundo para o desenvolvimento de atitudes em relação ao Estado. A identificação nacional leva a maior coesão entre os membros do grupo o que, segundo as teorias da identidade social e da categorização social, está associado a maior bem-estar (Tajfel, 1978; Turner et al., 1987).

Diversas pesquisas indicam a existência de relações explícitas que envolvem a identificação nacional, a confiança e o civismo. Por exemplo, a confiança generalizada se correlaciona positivamente com a identificação grupal (Kenworthy & Jones, 2009), independentemente da apresentação de pistas sobre identidade pessoal e da confiabilidade percebida associada a essas pistas (Tanis, 2005). Ela também é positivamente relacionada a atitudes e comportamentos cívicos (Wray-lake & Flanagan, 2012). Mais especificamente, Crepaz et al. (2014) identificaram uma relação positiva entre a confiança no endogrupo e o civismo.

### **Como Confiança e Civismo se Desenvolvem?**

A despeito da crescente literatura, há uma lacuna empírica sobre o processo de desenvolvimento da confiança em um nível societal (Latusek & Olejniczak, 2016). Pouco se

sabe sobre como a confiança se desenvolve e apesar de ser mais provável que ela se desenvolva antes da vida adulta, a maior parte das pesquisas sobre esse tema são realizadas com participantes já adultos (Wray-lake & Flanagan, 2012). Assim, ao apostar no desenvolvimento de sociedades com cidadãos que possuam mais confiança, civismo e identificação com seu país, faz-se necessário explorar qual a manifestação dessas variáveis em públicos de menor idade, como adolescentes, já que esta é uma etapa crucial para o desenvolvimento (Coll et al., 2010).

A confiança é fundamental para o desenvolvimento dos adolescentes (Derks et al., 2014), mas precisa ser estimulada já que depende da percepção que eles têm sobre o engajamento e a flexibilidade da família (Coll et al., 2010). Escutar de seus pais a respeito de suas responsabilidades para com os outros e para com a sociedade (p. ex., valores de compaixão), um estilo de criação democrático (p. ex., respeito mútuo aos pontos de vista de cada um) e um clima positivo na comunidade são preditores do bom desenvolvimento da confiança em adolescentes (Wray-lake & Flanagan, 2012).

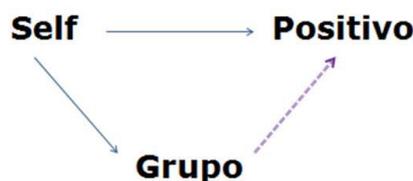
O civismo em adolescentes também deve ser estimulado desde cedo pelos adultos por meio da escuta e da oportunidade de empoderamento e liderança, para que se sintam parte de suas comunidades (Miklosi, 2007). Uma questão fundamental, ainda em aberto na literatura, é sobre as possibilidades e os limites de a educação pública aumentar a confiança, especialmente em ambientes em que os pais não compartilham interesse pelo civismo (Aghion et al., 2010). As discussões sobre a manutenção ou retirada de disciplinas de educação moral e cívica dos currículos escolares expressam esse problema prático no Brasil. De todo modo, a identidade nacional também é uma variável tida como importante ao analisar-se o desenvolvimento de uma educação que promova o civismo, característica necessária no atual mundo globalizado (Lödén, 2014).

## **O Grupo e Eu: Relações Implícitas entre Identificação Nacional, Confiança no Endogrupo e Autoestima**

A cognição social opera sob um viés de tendência à positividade em relação a estímulos sociais, principalmente ao endogrupo (Fiske & Taylor, 2008). Fazem parte das principais motivações que influenciam a cognição humana a necessidade de confiança no endogrupo, a necessidade do compartilhamento social de normas e cognições, a necessidade de pertencimento, de controle e de manter a autoavaliação positiva, sendo que variações culturais dos efeitos dessas motivações ainda parecem pouco exploradas (Fiske & Taylor, 2008).

As necessidades de confiança no endogrupo, de pertencimento e de manter autoavaliação positiva são implicitamente relacionadas, de acordo com a teoria unificada da cognição social implícita (Greenwald, et al., 2002). Os pressupostos dessa teoria envolvem o conhecimento social como associativo, a centralidade do *self* e sua tendência à positividade. A teoria foi construída sob influência do crescente interesse pela cognição social automática e do desenvolvimento do Teste de Associação Implícita (TAI). Um princípio básico da teoria é o da congruência do balanceamento, que indica que dois conceitos, quando associados a um terceiro, desenvolvem uma associação mútua. Esse princípio compartilha a visão central em teorias clássicas de que as relações entre conceitos devem tender para estruturas organizadas por um princípio de consistência cognitiva (Festinger, 1957; Heider, 1958; Osgood e Tannenbaum, 1955). Foi identificada nessa teoria uma tríade de balanceamento cognitivo envolvendo *self*, grupo e valência, sendo que a associação grupo-positivo se desenvolve proporcionalmente às associações *self*-positivo e *self*-grupo (Greenwald et al., 2002). Os grupos associados ao *self*, portanto, compartilham a valência do *self* (Figura 1).

Figura 1. Esquema da Tríade de Balanceamento Identificada pela Teoria Unificada da Cognição Social Implícita.



A aplicabilidade dessa estrutura de balanceamento cognitivo tem um grande potencial, pois permite várias seleções de categorias sociais e atributos para investigação (Greenwald et al., 2002). O estudo 3 desta tese se deteve justamente na análise da relação entre autoestima implícita (associação *self*-positivo), identificação nacional implícita (associação *self*-grupo) e confiança implícita no endogrupo (associação grupo-positivo). A correlação positiva entre autoestima e confiança foi encontrada também em estudos que utilizam medidas explícitas de mensuração de atitude (Han, 2017; Mccarthy et al., 2017; Miklikowska, 2012).

A confiança no endogrupo, caracterizada pela associação grupo-positivo (Fiske & Taylor, 2008), se desenvolve proporcionalmente às associações *self*-positivo e *self*-grupo (Greenwald et al., 2002), e se correlaciona positivamente com o civismo (Crepaz et al., 2014). Portanto, variáveis com efeito positivo em uma das variáveis que compõem a tríade de balanceamento cognitivo, ou na redução de inconsistência cognitiva, devem implicar em efeito positivo nas demais e no civismo.

### **Teste de Associação Implícita (TAI): Utilização e Limitações da Relação com Medidas Explícitas**

Modelos recentes que tratam sobre o processamento de informações indicam que é importante distinguir cognições entre mais explícitas ou mais automaticamente ativadas (Glashouwer et al., 2013). De modo sumário, as medidas explícitas acessam apenas atitudes endossadas conscientemente pelo indivíduo, enquanto as medidas indiretas são supostamente

capazes de captar atitudes que o indivíduo não endossa de forma consciente, mas que ainda assim podem influenciar seu comportamento (Loewenhaupt & Iglesias, 2018; Petty et al., 2012). Como as medidas indiretas buscam acessar associações mentais relativamente automáticas, que são de difícil acesso por meio de medidas explícitas, a correlação entre essas medidas, em geral, é baixa (Hofmann et al., 2005). Assim, cognições explícitas podem ser diferentes das implícitas, podendo levar a resultados comportamentais diferentes, fazendo com que correlações altas entre medidas explícitas e medidas indiretas não sejam, necessariamente, um resultado favorável (Glashouwer et al., 2013). A ambivalência implícita faz referência a esse fenômeno, pois acontece quando avaliações implícitas e explícitas em relação a algo são diferentes e apresentam repercussões afetivas geralmente aversivas (Petty et al., 2012).

Na última década, as medidas indiretas de mensuração de atitude ganharam bastante popularidade, sendo o TAI (Greenwald et al., 1998), provavelmente, a medida indireta mais influente (Meissner & Rothermund, 2012). O TAI, em geral, apresenta correlação positiva com medidas explícitas, mas – embora a correlação entre o TAI e uma medida explícita seja uma forma de verificar a adequação do algoritmo de cálculo do efeito do TAI (Greenwald et al., 2003) – diversos fatores podem diminuir essa relação (Hofmann et al., 2005).

Segundo Hofmann et al. (2005), aproximadamente metade da variabilidade da correlação entre o TAI e medidas explícitas decorre de variáveis moderadoras, como a ausência de espontaneidade da resposta à medida explícita e o nível de relação conceitual entre as medidas. Então, aumentando a espontaneidade da resposta à medida explícita e a correspondência conceitual entre as medidas, a correlação com o TAI pode aumentar. Quanto ao impacto de aspectos metodológicos do TAI na relação com medidas explícitas, as correlações costumam ser maiores quando são utilizados substantivos como atributos em vez de adjetivos e costumam ser mais baixas quando são utilizados pronomes na categoria alvo.

Esse problema pode ser minimizado utilizando categorias contrastantes mais específicas ou usando o TAI com apenas uma categoria alvo (Hofmann et al., 2005).

## **Efeitos de Variáveis Disposicionais e Contextuais na Identificação Nacional, na Confiança e no Civismo**

### **Sexo e idade**

Uma variável disposicional identificada na literatura como influente no civismo é o sexo. Crepaz et al. (2014) identificaram que ser do sexo feminino apresenta relação positiva e significativa com civismo. Já quanto à relação do sexo com a confiança, um estudo conduzido com adolescentes identificou que os do sexo masculino confiam mais que as do sexo feminino (Derks et al., 2014). A maior confiança identificada em adolescentes do sexo masculino talvez decorra do fato de que eles escutam menos de seus pais que devem ser cautelosos (Wray-lake & Flanagan, 2012). Em amostra com participantes adultos, a evidência também é de que o sexo tem efeito na confiança e de que os homens são mais confiantes que as mulheres (Derks et al., 2014). Essas relações identificadas, no entanto, possivelmente decorrem de valores que são mais endossados por homens e mulheres, não necessariamente do sexo em si.

Verifica-se também que a confiança tende a ficar menos maleável com o passar do tempo. Os adolescentes mais jovens costumam confiar mais que adolescentes mais velhos (Wray-lake & Flanagan, 2012). Assim, tentativas de elevar a confiança podem ser mais eficazes se empregadas no início da adolescência.

### **Acessibilidade**

Uma forte identificação nacional está relacionada a maior bem-estar pessoal e coesão das sociedades (Butz, 2009). A identificação nacional pode ser influenciada pela acessibilidade cognitiva a símbolos nacionais (Payne & Cameron, 2010). Segundo Fiske e Taylor (2008), essa acessibilidade cognitiva é uma propriedade referente ao fato de que ideias

que recentemente foram ativadas vêm à mente com mais facilidade. Trata-se, portanto, do mecanismo pelo qual o *priming* opera, sendo ele o efeito da ativação cognitiva em uma situação subsequente (Fiske & Taylor, 2008).

Símbolos nacionais fazem parte da maioria das sociedades e sua utilização costuma ser incentivada por políticas públicas, mas não há muitas pesquisas que explorem os efeitos psicológicos e sociais da exposição a eles (Butz, 2009). Independentemente da orientação política, a ativação de conceitos patrióticos aumenta a identificação nacional (Payne & Cameron, 2010). A bandeira do país pode desencadear sentimentos, percepções e comportamentos que não são relacionados semanticamente à ela, mas simbolicamente (Ferguson, & Hassin, 2007; Ferguson et al., 2009). Os efeitos do aumento da acessibilidade patriótica, para além do aumento da identificação nacional, só podem ser identificados com estudos intraculturais (Payne & Cameron, 2010). Por enquanto, essa relação positiva entre símbolos nacionais e identificação nacional foi identificada apenas em países relativamente homogêneos étnica e culturalmente (Finell et al., 2013).

Embora haja suporte empírico para considerar o efeito intraindividual da exposição a símbolos nacionais no aumento da identificação nacional e na promoção de unidade do grupo em um nível inconsciente, a influência dos símbolos nacionais é dependente do contexto e do significado atribuído a eles (Butz, 2009). Isso deve ocorrer porque os significados atribuídos aos símbolos nacionais de um país podem mudar a depender do contexto e do momento histórico (Finell et al., 2013).

### **Percepção de Controle**

A crença de possuir controle e a habilidade de exercê-lo é essencial para o bem-estar: trata-se de uma necessidade biológica e psicológica (Leotti et al., 2010). Representações mentais do *self* diferem a depender da cultura (Zhou et al., 2012) e essas diferenças culturais

influenciam os processos cognitivos e afetivos (Fiske, & Taylor, 2008). Segundo Zhou et al. (2012), os países de cultura coletivista favorecem o desenvolvimento de um estilo de pensamento mais holístico, menos motivado à redução de inconsistências. Já os países de cultura individualista favorecem o estilo de pensamento analítico, mais direcionado ao controle e mais motivado à redução de inconsistências, mas isso não é imutável (Nisbett e Masuda, 2003; Zhou et al., 2012).

Assim, a percepção de controle (por estar associada ao estilo de pensamento analítico, que influencia a tendência à redução de inconsistências) pode ter efeito na relação entre as variáveis que compõem a tríade de balanceamento cognitivo proposta pela teoria unificada de cognição social implícita (autoestima, confiança e identificação implícitas).

### **Confiança**

De forma geral, a teoria da identidade social (Tajfel, 1982; Tajfel & Turner, 1986) prevê que a autoestima dos membros aumenta quando o grupo ao qual pertencem é avaliado de forma positiva (Crepaz et al., 2014). Rudman e Goodwin (2004) encontraram que, ao aumentar a associação grupo-positivo (identificada nessa tese como confiança implícita no endogrupo), a autoestima e a identificação com o endogrupo aumentam. Dessa forma, ressaltar aspectos positivos do endogrupo pode reduzir inconsistências na associação implícita entre a visão de si, comumente positiva (Fiske & Taylor, 2008), e a do endogrupo.

### **Objetivos**

Considerando esses elementos teórico-conceituais, a presente tese está organizada em três estudos empíricos. O objetivo geral é testar o efeito de variáveis disposicionais e contextuais na identificação nacional, na confiança, na autoestima e no civismo. Os objetivos específicos são:

- I. Testar o efeito de variáveis disposicionais (sexo e idade) na identificação nacional, na confiança e no civismo em adolescentes;
- II. Construir TAIs para mensurar identificação nacional implícita e confiança implícita no endogrupo;
- III. Testar a correlação de TAIs de identificação nacional, confiança e autoestima com medidas explícitas correspondentes;
- IV. Testar o efeito de variáveis disposicionais (sexo e idade) e contextuais (instituição de ensino e ordem de apresentação das medidas) na autoestima, na confiança e na identificação nacional implícitas e explícitas;
- V. Testar a estrutura de balanceamento implícito entre autoestima, confiança no endogrupo e identificação nacional, assim como a relação dessas variáveis com o civismo;
- VI. Testar o efeito de variáveis disposicionais (sexo e idade) na autoestima implícita, na confiança implícita no endogrupo, na identificação nacional implícita e no civismo;
- VII. Testar o efeito de variáveis contextuais (símbolos nacionais, confiança, percepção de controle, período de coleta e ordem de apresentação das medidas) na autoestima implícita, na confiança implícita no endogrupo, na identificação nacional implícita e no civismo.

## **Estudo 1 – Efeito de Variáveis Disposicionais na Confiança, na Identificação Nacional e no Civismo entre Adolescentes**

Este estudo foi realizado com adolescentes e testou o efeito de variáveis disposicionais na confiança, na identificação nacional e no civismo. Considerando o disposto na revisão de literatura, as hipóteses foram as seguintes:

**H1:** Participantes do sexo feminino apresentarão, em média, maior civismo que participantes do sexo masculino;

**H2:** Participantes do sexo masculino apresentarão, em média, maior confiança que participantes do sexo feminino;

**H3:** Haverá diferenças na confiança em função da idade.

### **Método**

#### **Participantes**

Participaram da pesquisa 201 adolescentes, sendo 50,7% do sexo masculino, matriculados em um escola do Distrito Federal. A média de idade dos participantes foi de 13,16 anos ( $DP = 0,79$ ).

#### **Instrumentos**

*Itens de civismo:* tradução adaptada de Crepaz et al. (2014). Entre os itens propostos, havia um terceiro que questionava o participante sobre sua participação nas eleições, mas foi retirado já que o voto no Brasil é obrigatório. Os participantes avaliavam o conteúdo dos itens (ver Apêndice C) como “nunca justificável”, “às vezes justificável” ou “sempre justificável” ( $\alpha = 0,266$ ).

*Itens de confiança*: tradução de itens de confiança do *General Social Survey* (ver Apêndice C) retirados de Glaeser et al. (2000). Os itens foram transformados para ser classificados em uma escala de cinco pontos ( $\alpha = 0,505$ ). Foi realizada uma validação semântica da tradução mediante análise de juízes. O escore de confiança foi feito pela média das respostas.

*Escala de identificação nacional*: tradução de Leach et al. (2008). Trata-se de 14 itens (ver Apêndice D) a serem classificados pelo participante em uma escala de sete pontos (p. ex., *Eu tenho muito em comum com um típico brasileiro*). A escala possui cinco componentes: solidariedade, satisfação, centralidade, autoestereótipo e homogeneidade ( $\alpha = 0,808$ ). O escore de identificação foi feito pela média das respostas.

## **Procedimentos**

Foi solicitada autorização perante a Regional de Ensino para realização da pesquisa. Na solicitação foram informados o objetivo da pesquisa, sua duração aproximada, o contato dos pesquisadores e incluídas cópias dos instrumentos a serem utilizados. Após autorização, a Diretoria da Escola procedeu com as autorizações necessárias para a participação dos alunos. No dia indicado os dados foram coletados em todas as turmas do 8º ano. Em decorrência do tempo disponibilizado, metade dos participantes respondeu aos itens de confiança e aos itens de civismo, enquanto metade respondeu à escala de identificação nacional. Foi informado aos alunos sobre o objetivo da pesquisa e todo o detalhamento do convite, explicando a lógica dos instrumentos e contemplando metade do tempo total de coleta para garantir que entendessem as escalas de resposta.

## **Resultados**

### **Confiança e Civismo**

As análises foram feitas considerando os itens de civismo de forma separada e não compondo um único escore, porque os dois itens não apresentaram uma associação significativa,  $\chi^2(4) = 6,797, p = 0,139, V \text{ de Cramer} = 0,180$ . Uma regressão *probit* ordinal indicou que a confiança e o item de civismo “Fraudar impostos se tiver oportunidade” não apresentaram relação significativa,  $\chi^2(1) = 2,204, p = 0,138, \text{pseudo } R^2 \text{ Cox e Snell} = 0,021$ . Considerando a confiança e o item de civismo “Evitar pagar tarifa no transporte público”, a relação também não foi significativa,  $\chi^2(1) = 0,144, p = 0,705, \text{pseudo } R^2 \text{ Cox e Snell} = 0,001$ . Nem o sexo dos participantes,  $F(1, 103) = 0,343, p = 0,559, d = 0,116$ , nem a idade,  $F(1, 103) = 0,092, p = 0,762, \eta^2 p = 0,001$ , tiveram efeito significativo na confiança.

O modelo de regressão *probit* ordinal incluindo sexo e idade como variáveis preditoras do item de civismo “Fraudar impostos se tiver oportunidade” foi significativo,  $\chi^2(2) = 7,162, p = 0,028, \text{pseudo } R^2 \text{ Cox e Snell} = 0,066$ . Mais especificamente, foi encontrado um efeito significativo do sexo no item de civismo,  $\beta = 0,467, \text{Wald}(1) = 5,487, p = 0,019$ : As participantes do sexo feminino apresentaram média significativamente maior na resposta a esse item ( $M = 2,83, DP = 0,06$ ) que os participantes do sexo masculino ( $M = 2,57, DP = 0,06$ ). Por outro lado, não foi encontrado um efeito da idade,  $\beta = 0,263, \text{Wald}(1) = 0,677, p = 0,411$ . O modelo incluindo sexo e idade como variáveis preditoras do item de civismo “Evitar pagar tarifa no transporte público” não foi significativo,  $\chi^2(2) = 0,540, p = 0,763, \text{pseudo } R^2 \text{ Cox e Snell} = 0,006$ .

### **Identificação Nacional**

O sexo dos participantes teve efeito significativo na identificação nacional,  $F(1, 93) = 8,370, p = 0,005, d = 0,526$ : A média de identificação das participantes do sexo feminino ( $M = 3,82, DP = 1,03$ ) foi significativamente menor que a média de identificação dos participantes do sexo masculino ( $M = 4,36, DP = 1,02$ ). Por outro lado, a idade dos

participantes não teve efeito significativo na identificação nacional,  $F(1, 93) = 2,252, p = 0,137, \eta^2p = 0,024$ . Ao considerar os componentes da Escala, a idade dos participantes teve efeito significativo na dimensão centralidade e marginalmente significativo no autoestereótipo. O sexo dos participantes também teve efeito significativo no autoestereótipo e marginalmente significativo na satisfação e na solidariedade, conforme detalhados na Tabela 1. Os participantes do sexo masculino apresentaram média significativamente maior na dimensão autoestereótipo ( $M = 9,57, DP = 3,15$ ), satisfação ( $M = 18,84, DP = 6,32$ ) e solidariedade ( $M = 12,89, DP = 3,92$ ) que as participantes do sexo feminino ( $M = 7,85, DP = 3,04; M = 16,48, DP = 5,76; M = 11,43, DP = 4,04$ , respectivamente).

Tabela 1. Efeitos do sexo e da idade dos participantes nos componentes da escala de identificação nacional.

	Sexo	Idade
Satisfação	$F(1, 84) = 3,870, p = 0,053, d = 0,403$	$F(1, 84) = 0,905, p = 0,344, \eta^2p = 0,011$
Solidariedade	$F(1, 84) = 3,737, p = 0,057, d = 0,326$	$F(1, 84) = 1,435, p = 0,234, \eta^2p = 0,017$
Centralidade	$F(1, 84) = 2,904, p = 0,092, d = 0,279$	$F(1, 84) = 4,330, p = 0,041, \eta^2p = 0,051$
Autoestereótipo	$F(1, 84) = 8,765, p = 0,004, d = 0,432$	$F(1, 84) = 3,434, p = 0,068, \eta^2p = 0,041$
Homogeneidade	$F(1, 84) = 2,882, p = 0,093, d = 0,322$	$F(1, 84) = 0,084, p = 0,772, \eta^2p = 0,001$

## Discussão

Como hipotetizado, foram encontrados efeito do sexo no civismo, com as participantes do sexo feminino apresentando média significativamente maior que a média das respostas dos participantes do sexo masculino para o item “Fraudar impostos se tiver oportunidade”. Esse resultado é consistente com o disposto na literatura (Crepaz et al., 2014), mas não foi identificado efeito do sexo nem da idade na confiança – resultado inconsistente com o que foi hipotetizado e com o disposto na literatura (Derks et al., 2014; Wray-lake & Flanagan, 2012). Uma explicação possível para a ausência do efeito da idade na confiança é a pequena variação de idade entre os participantes.

Foram também identificados efeitos do sexo e da idade na identificação nacional, apesar de esse não ter sido um efeito hipotetizado. Mais especificamente, as dimensões da identificação nacional que tiveram efeito significativo ou marginalmente significativo foram centralidade e autoestereótipo (efeito da idade) e satisfação, solidariedade e autoestereótipo (efeito do sexo). Embora não haja evidências a esse respeito, uma explicação possível é que pode estar havendo maior exposição de crianças e adolescentes do sexo masculino a símbolos nacionais no Brasil, já que isso potencialmente aumenta a identificação nacional (Payne & Cameron, 2010). Os indicadores de tamanho de efeito *d de Cohen* do sexo nas dimensões centralidade ( $d = 0,279$ ) e homogeneidade ( $d = 0,322$ ) da identificação nacional podem indicar que o efeito do sexo nas outras dimensões também existe, mas que o tamanho da amostra deste estudo foi insuficiente para identificá-lo. Foram realizados cálculos do poder *post hoc* em relação a essas duas dimensões que indicou os valores 0,49 e 0,61, respectivamente. Idealmente espera-se que o poder seja acima de 0,80 (Cohen, 2013). Para alcançar esse poder, considerando o  $d = 0,279$ , seria necessária uma amostra de pelo menos 406 participantes.

Não foram identificadas, por outro lado, relações entre confiança e os itens de civismo. A medida de confiança utilizada faz referência à confiança generalizada e, apesar de a literatura relatar a existência de relação positiva entre essas variáveis (Wray-lake & Flanagan, 2012), Crepaz et al., (2014) indicam que é necessário diferenciar tipos de confiança e que a relação seria entre confiança no endogrupo e civismo. Esses resultados seriam possivelmente diferentes se realizados com outras amostras, como de instituições particulares de ensino e com maior amplitude da faixa etária dos participantes. Considerando a adolescência como etapa crucial do desenvolvimento humano e do desenvolvimento da confiança, do civismo e da identificação nacional, estudos – preferencialmente longitudinais – podem garantir maior compreensão dessas variáveis no contexto brasileiro.

## **Estudo 2 – Construção de Testes de Associação Implícita para Mensuração da Identificação Nacional e Confiança no Endogrupo**

Este estudo relata o desenvolvimento de dois testes de associação implícita para mensurar confiança implícita no endogrupo e identificação nacional implícita em adultos. Ainda, como questão relevante metodológica e psicometricamente, testou-se sua relação – e de teste de associação implícita de autoestima – com medidas explícitas correspondentes. Considerando o disposto na revisão de literatura realizada, as hipóteses são:

**H1:** Os testes de associação implícita apresentarão relação baixa, mas positiva, com as medidas explícitas correspondentes;

**H2:** Participantes do sexo masculino apresentarão, em média, maior confiança implícita no endogrupo que participantes do sexo feminino;’

**H3:** Haverá diferenças na confiança em função da idade.

### **Método**

#### **Participantes**

Participaram da pesquisa 98 estudantes de instituições de ensino superior de Brasília, pública e particulares, sendo 79,6% do sexo feminino. A idade média dos participantes foi de 23,49 anos ( $DP = 7,06$ ).

#### **Instrumentos**

Foi realizada uma coleta de dados com os dois TAIs construídos (confiança e identificação nacional) e o TAI de autoestima desenvolvido por Loewenhaupt e Pilati (2018), juntamente com medidas explícitas para verificar sua validade convergente.

*Testes de Associação Implícita de Confiança e Identificação Nacional*: a construção seguiu instruções indicadas por Lane et al. (2007). Os estímulos utilizados para as categorias eu e não-eu, no TAI de identificação nacional, assim como para os atributos positivo-negativo, no TAI de confiança, foram os mesmos utilizados por Loewenhaupt e Pilati (2018), retirados de Modesto e Pilati (2015) e Oliveira et al. (2013), respectivamente (ver Apêndice A).

Os estímulos usados para a categoria “Brasil” seguiram o mesmo padrão dos utilizados no TAI de nacionalismo do Projeto Implícito da *Harvard University* que foram enviados por uma gestora do Projeto (Figura 2) por e-mail<sup>1</sup>, com uma pequena alteração (Figura 3). A escolha dos estímulos para a categoria “Não Brasil” seguiu o mesmo padrão e passou por uma análise de juízes para atestar o desconhecimento dos estímulos escolhidos e para evitar possíveis ativações estranhas aos fenômenos em questão.

Figura 2. Estímulos do TAI de Nacionalidade do Brasil do Projeto Implícito de Harvard.



*Escala de Autoestima de Rosenberg*: foi utilizada a versão traduzida e adaptada por Hutz e Zanon (2011) que avalia a autoestima explícita global. Consiste em 10 itens (ver Apêndice B) a serem classificados pelo participante em escala de resposta de quatro pontos ( $\alpha = 0,872$ ).

---

<sup>1</sup> Informações obtidas por gestora do Project Implicit em contato através do e-mail [research-services@projectimplicit.net](mailto:research-services@projectimplicit.net) em 26 de setembro de 2017.

Figura 3. Estímulos Utilizados para as Categorias Brasil e Não Brasil, respectivamente, na Confecção dos TAIs.



*Itens de Confiança*: tradução adaptada de itens de confiança do *General Social Survey* (ver Apêndice C) retirados de Glaeser et al. (2000). Os itens foram transformados para ser classificados em uma escala de cinco pontos ( $\alpha = 0,664$ ). Foi realizada uma validação semântica da tradução, mediante análise de juízes.

*Escala de Identificação Nacional*: tradução adaptada de Leach et al. (2008). São 14 itens (ver Apêndice D) a serem classificados pelo participante em uma escala de sete pontos (p. ex., *Eu tenho muito em comum com um típico brasileiro*). A escala possui cinco componentes: solidariedade, satisfação, centralidade, autoestereótipo e homogeneidade ( $\alpha = 0,840$ ).

### **Procedimentos**

Os participantes receberam o convite pessoalmente, com posterior envio da pesquisa por e-mail. O texto do e-mail continha instruções para a participação e o Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido (ver apêndice E). Os participantes eram convidados a iniciar a pesquisa em caso de concordância com as instruções e com o Termo.

Foi utilizado o *software Inquisit* versão 4.0 para a coleta de dados. Para que a participação não ficasse muito extensa, cada participante respondeu a um TAI (autoestima, confiança ou identificação nacional) e à medida explícita do construto equivalente (autoestima, confiança e escala de identificação nacional, respectivamente). Responderam aos instrumentos de autoestima 33 pessoas, aos de confiança 31 e aos de identificação nacional 34. O *software* realizou a randomização da ordem de apresentação das medidas, sendo que 51% responderam aos TAIs antes de responderem às medidas explícitas.

## Resultados

### Autoestima

Não se verificou correlação entre as medidas,  $r = 0,044$ ,  $p = 0,808$ . A ordem de apresentação não teve efeito significativo nas respostas ao TAI,  $F(1, 33) = 0,729$ ,  $p = 0,40$ ,  $d = 0,309$ : a média dos escores dos participantes que responderam ao TAI antes ( $M = 0,56$ ,  $DP = 0,38$ ) foi menor que a dos que responderam ao TAI depois ( $M = 0,67$ ,  $DP = 0,33$ ). No entanto, a ordem de apresentação das medidas teve efeito significativo nas respostas à medida explícita de autoestima,  $F(1, 33) = 4,057$ ,  $p = 0,05$ ,  $d = 0,708$ : a média dos escores dos participantes que responderam à medida explícita depois do TAI ( $M = 26,72$ ,  $DP = 5,38$ ) foi significativamente menor que a dos que responderam à medida explícita antes ( $M = 31,18$ ,  $DP = 7,09$ ).

A autoestima implícita dos participantes não foi significativamente diferente em função do sexo  $F(1, 33) = 0,127$ ,  $p = 0,724$ ,  $d = 0,256$ , nem da idade  $F(1, 33) = 0,644$ ,  $p = 0,429$ ,  $\eta^2 p = 0,021$ . A autoestima explícita dos participantes também não foi significativamente diferente em função do sexo  $F(1, 33) = 0,466$ ,  $p = 0,500$ ,  $d = 0,379$ , nem

da idade  $F(1, 33) = 0,302, p = 0,587, \eta^2p = 0,010$ . Mas, a média da autoestima implícita dos participantes de instituições de ensino superior particulares foi significativamente maior ( $M = 0,74, DP = 0,07$ ) que a dos participantes de instituição de ensino superior pública ( $M = 0,50, DP = 0,09$ ),  $F(1, 28) = 3,962, p = 0,057, d = 0,798$ . Já a autoestima explícita não teve efeito significativo da instituição de ensino do participante,  $F(1, 28) = 0,522, p = 0,476, d = 0,277$ .

### **Confiança**

As medidas também não apresentaram correlação ( $r = -0,075, p = 0,689$ ). Verificou-se que a ordem de apresentação das medidas não teve efeito significativo nas respostas ao TAI,  $F(1, 31) = 1,039, p = 0,316, d = 0,389$ , sendo que a média do escore dos participantes que responderam ao TAI antes ( $M = 0,71, DP = 0,12$ ) foi menor que a dos que responderam ao TAI depois ( $M = 0,89, DP = 0,11$ ). A ordem de apresentação das medidas também não teve efeito significativo nas respostas aos itens de confiança,  $F(1, 31) = 0,515, p = 0,479, d = 0,261$ : a média dos escores dos participantes que responderam à medida antes ( $M = 19,84, DP = 0,70$ ) foi menor que a dos que responderam depois ( $M = 20,57, DP = 0,77$ ).

A confiança implícita no endogrupo dos participantes não foi significativamente diferente a depender em função sexo,  $F(1, 31) = 0,034, p = 0,854, d = 0,231$ , nem da idade  $F(1, 31) = 0,445, p = 0,510, \eta^2p = 0,016$ . Além disso, a confiança explícita dos participantes também não foi significativamente diferente em função do sexo  $F(1, 31) = 0,617, p = 0,439, d = 0,736$ , nem da idade  $F(1, 31) = 1,779, p = 0,193, \eta^2p = 0,060$ . Quanto à instituição de ensino, não foi identificado efeito na confiança implícita,  $F(1, 25) = 1,225, p = 0,280, d = 0,047$ , nem na confiança explícita,  $F(1, 25) = 0,038, p = 0,847, d = 0,007$ .

### **Identificação Nacional**

As medidas apresentaram correlação positiva, mediana e significativa ( $r = 0,329, p = 0,05$ ). A ordem de apresentação das medidas não teve efeito significativo nas respostas ao

TAI,  $F(1, 34) = 0,160$ ,  $p = 0,692$ ,  $d = 0,133$ , sendo que a média dos escores dos participantes que responderam ao TAI antes ( $M = 0,83$ ,  $DP = 0,10$ ) foi menor que a dos que responderam ao TAI depois ( $M = 0,88$ ,  $DP = 0,08$ ). A ordem de apresentação das medidas também não teve efeito significativo nas respostas à medida de identificação nacional explícita,  $F(1, 34) = 0,996$ ,  $p = 0,326$ ,  $d = 0,358$ , sendo que a média do escore dos participantes que responderam à medida antes ( $M = 62,45$ ,  $DP = 2,51$ ) foi menor que a dos que responderam depois ( $M = 66,35$ ,  $DP = 3,0$ ).

O sexo dos participantes teve efeito na identificação nacional implícita  $F(1, 34) = 3,368$ ,  $p = 0,076$ ,  $d = 0,893$ : a média de identificação implícita por participantes do sexo masculino foi maior ( $M = 1,07$ ,  $DP = 0,12$ ) que a das participantes do sexo feminino ( $M = 0,76$ ,  $DP = 0,08$ ). Entretanto, a identificação nacional implícita não foi diferente em função da idade,  $F(1, 34) = 0,001$ ,  $p = 0,970$ ,  $\eta^2p < 0,001$ . A identificação nacional explícita dos participantes também não foi significativamente diferente em função do sexo  $F(1, 34) = 0,001$ ,  $p = 0,977$ ,  $d = 0,007$ , nem da idade  $F(1, 34) = 0,092$ ,  $p = 0,764$ ,  $\eta^2p = 0,003$ . Ao analisar os efeitos de sexo e idade nas dimensões da escala de identificação, o sexo teve efeito significativo na dimensão homogeneidade,  $F(1, 34) = 6,094$ ,  $p = 0,019$ ,  $d = 0,949$ , sendo que a média nessa dimensão das participantes do sexo feminino ( $M = 8,50$ ,  $DP = 2,51$ ) foi maior que a média dos participantes do sexo masculino ( $M = 5,88$ ,  $DP = 2,99$ ). A idade teve um pequeno efeito marginal significativo na dimensão satisfação,  $F(1, 34) = 3,401$ ,  $p = 0,075$ ,  $\eta^2p = 0,099$ . Por fim, a média da identificação nacional implícita dos participantes de instituição de ensino superior pública foi significativamente maior ( $M = 1,06$ ,  $DP = 0,14$ ) que a dos participantes de instituições de ensino superior particulares ( $M = 0,72$ ,  $DP = 0,08$ ),  $F(1, 28) = 4,407$ ,  $p = 0,046$ ,  $d = 1,030$ . A identificação nacional explícita não teve efeito significativo da instituição de ensino do participante,  $F(1, 28) = 1,510$ ,  $p = 0,230$ ,  $d = 0,517$ .

## Discussão

Apenas um dos Testes de Associação Implícita (TAI) apresentou correlação positiva com a medida explícita, confirmando parcialmente o que foi hipotetizado. A única correlação mediana, positiva e significativa identificada foi entre o TAI de identificação e a medida explícita correspondente. Em oposição ao hipotetizado, no entanto, o TAI de autoestima e a medida explícita correspondente não apresentaram correlação significativa, apesar de indicar uma baixa positividade. Uma possível explicação para a baixa relação entre essas medidas é a utilização de pronomes nas categorias alvo, o que tende a reduzir a correlação entre medidas indiretas e explícitas (Hofmann et al., 2005). O TAI de confiança também não apresentou correlação significativa com a medida explícita correspondente, apesar de indicar uma baixa negatividade. Uma possível explicação para uma eventual relação negativa entre as duas medidas é a divergência conceitual, uma vez que tem o potencial de reduzir a correlação entre medidas indiretas e explícitas (Hofmann et al., 2005). O TAI de confiança mede a força da associação grupo-positivo, então faz referência à confiança no endogrupo, que é a expectativa de que os membros do endogrupo façam coisas boas e sejam bons (Fiske & Taylor, 2008). Já a medida explícita de confiança utilizada faz referência à confiança generalizada. Em geral, a correlação entre medidas indiretas e explícitas é mesmo baixa (Hofmann et al., 2005) e correlações altas entre essas medidas não são, necessariamente, uma evidência favorável (Glashouwer et al., 2013).

Foi identificado um efeito não hipotetizado da ordem de apresentação das medidas na autoestima explícita. Os participantes que responderam ao TAI de autoestima antes apresentaram autoestima explícita significativamente menor do que os que responderam ao TAI depois da medida explícita. Não foi encontrada possível explicação para este efeito na literatura. Os indicadores de tamanho de efeito *d de Cohen* da ordem de apresentação na autoestima implícita ( $d = 0,309$ ), na confiança implícita ( $d = 0,389$ ), na confiança explícita ( $d$

= 0,261) e na identificação nacional explícita ( $d = 0,358$ ) podem significar que a ordem de apresentação das medidas influencia todas as variáveis listadas, mas que o tamanho da amostra deste estudo foi insuficiente para identificá-lo. Foram realizados cálculos do poder *post hoc* desses efeitos que indicou os valores 0,32, 0,47, 0,24 e 0,41, respectivamente. Para alcançar o poder de 0,80 proposto por Cohen (2013), considerando o  $d = 0,261$ , seria necessária uma amostra de pelo menos 464 participantes.

Neste estudo apenas foi identificado efeito do sexo na identificação nacional, assim como no Estudo 1, apesar de não ter sido hipotetizado. Houve efeito na identificação implícita com participantes do sexo masculino apresentando média maior que participantes do sexo feminino. Na discussão do Estudo 1, há uma sugestão de explicação possível para o efeito de sexo na identificação nacional. Quanto à medida de identificação explícita, foi identificado efeito significativo na dimensão homogeneidade, com participantes do sexo feminino apresentando média maior que participantes do sexo masculino. Não foi encontrada, na literatura, possível explicação para este efeito.

Contrariamente ao hipotetizado e ao disposto na literatura (Derks et al., 2014; Wraylake & Flanagan, 2012), não foi encontrado efeito do sexo e da idade na confiança. Uma possível explicação para a ausência do efeito da idade, assim como no Estudo 1, é a baixa variação de idade entre os participantes. A ausência do efeito de sexo pode ser devida à maioria dos participantes serem do sexo feminino. Os indicadores de tamanho de efeito do sexo na autoestima implícita ( $d = 0,256$ ), na autoestima explícita ( $d = 0,379$ ), na confiança implícita ( $d = 0,231$ ) e, principalmente, na confiança explícita ( $d = 0,736$ ), podem indicar que o efeito de sexo na autoestima e na confiança existem, mas que a amostra deste estudo foi insuficiente para identificá-lo. Foram realizados cálculos do poder *post hoc* desses efeitos que indicou os valores 0,24, 0,45, 0,20 e 0,95, respectivamente. Para alcançar o poder de 0,80 proposto por Cohen (2013), considerando o  $d = 0,231$ , seria necessária uma amostra de pelo

menos 592 participantes. Já quanto ao efeito de sexo na confiança explícita, considerando o  $d = 0,736$  e o poder encontrado de 0,95, seria necessária uma amostra de pelo menos 98 participantes para obter uma significância menor que 0,05.

Foi identificado um efeito não hipotetizado do tipo de instituição de ensino na autoestima implícita e na identificação nacional implícita. Os participantes de instituições de ensino particulares apresentaram a média de autoestima implícita significativamente maior e a média de identificação nacional implícita significativamente menor que as dos participantes de instituição pública de ensino. Não foi encontrada possível explicação para este efeito na literatura. Os indicadores de tamanho de efeito da instituição de ensino na autoestima explícita ( $d = 0,256$ ) e na identificação nacional explícita ( $d = 0,379$ ) podem indicar que os efeitos existem, mas que a amostra foi insuficiente para identificá-los. Foram realizados cálculos do poder *post hoc* desses efeitos que indicou os valores 0,19 e 0,36, respectivamente. Para alcançar o poder de 0,80 proposto por Cohen (2013), considerando o  $d = 0,256$ , seria necessária uma amostra de pelo menos 482 participantes.

**Estudo 3 – Efeito de Variáveis Disposicionais e Contextuais na Autoestima Implícita, na Confiança Implícita no Endogrupo, na Identificação Nacional Implícita e no Civismo**

Este estudo consiste no teste da associação entre autoestima implícita, confiança implícita no endogrupo e identificação nacional implícita, assim como dos efeitos, nessas variáveis e no civismo, de variáveis disposicionais e contextuais. Assim, foram realizados testes dos efeitos da confiança no endogrupo, da percepção de controle, do aumento da acessibilidade cognitiva de símbolos nacionais, de variáveis disposicionais (sexo e idade) e contextuais (instituição de ensino período da coleta de dados) na autoestima implícita, na confiança implícita no endogrupo, na identificação nacional implícita (bem como na relação entre estas três variáveis) e no civismo. Considerando o disposto na revisão de literatura realizada, as hipóteses são:

**H1:** Autoestima implícita, confiança implícita no endogrupo e identificação nacional implícita apresentarão relação entre si;

**H2:** A relação entre autoestima implícita, confiança implícita no endogrupo e identificação nacional implícita será maior com o efeito das manipulações experimentais de atribuição de valor positivo ao grupo (confiança no endogrupo), percepção de alto controle e aumento da acessibilidade cognitiva de símbolos nacionais em comparação ao grupo controle;

**H3:** Confiança implícita no endogrupo apresentará relação positiva e significativa com civismo;

**H4:** Participantes do sexo feminino apresentarão, em média, maior civismo que participantes do sexo masculino;

**H5:** Participantes do sexo masculino apresentarão, em média, maior confiança implícita no endogrupo que participantes do sexo feminino;

**H6:** Haverá diferenças na confiança em função da idade.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram da pesquisa 78 estudantes de uma instituição pública de ensino superior de Brasília, sendo 76,9% do sexo feminino. A idade média dos participantes foi de 20,73 anos ( $DP = 3,75$ ).

### **Instrumentos**

*Testes de Associação Implícita de Autoestima, Confiança e Identificação Nacional:* conforme descrição do estudo anterior.

*Itens de civismo:* tradução adaptada de Crepaz et al. (2014). Os participantes avaliavam o conteúdo dos itens (ver Apêndice C) como “nunca justificável”, “às vezes justificável” ou “sempre justificável” ( $\alpha = 0,287$ ).

### **Procedimentos**

Foi utilizado um delineamento com três grupos experimentais e um grupo controle, sendo que todos os participantes passaram por mensuração indireta de autoestima, confiança e identificação nacional, assim como a mensuração explícita de civismo adaptada de Crepaz et al. (2014).

*Grupo experimental 1:* manipulação experimental para aumentar a acessibilidade cognitiva de aspectos positivos do endogrupo (ver Apêndice F). Essa manipulação foi elaborada considerando o disposto em Rudman e Goodwin (2004) sobre o aumento da associação grupo-positivo relacionar-se ao aumento na autoestima e na identificação.

*Grupo experimental 2:* manipulação experimental para aumentar a acessibilidade cognitiva de situações associadas a alto controle (ver Apêndice F). Essa manipulação foi elaborada considerando o disposto em Zhou et al. (2012) sobre o controle possuir potencial para mudança no estilo de pensamento, de holístico para analítico – que é mais direcionado à redução de inconsistências.

*Grupo experimental 3:* manipulação experimental para aumentar a acessibilidade cognitiva de símbolos nacionais (ver Apêndice F). Essa manipulação foi elaborada considerando o disposto em Payne e Cameron (2010) sobre os símbolos nacionais terem potencial de influenciar positivamente a identificação nacional.

Os participantes receberam o convite pessoalmente, com o posterior envio da pesquisa por e-mail. O texto continha instruções para a participação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver apêndice E). Foi utilizado o *software Inquisit* versão 4.0 para a coleta de dados. O *software* randomizava a alocação do participante em um dos grupos.

## **Resultados**

### **Relações entre Autoestima, Confiança e Identificação Nacional Implícitas**

As correlações entre autoestima, confiança e identificação nacional foram positivas e significativas,  $r = 0,440$ ,  $p < 0,001$  (autoestima e confiança),  $r = 0,240$ ,  $p = 0,034$  (autoestima e identificação nacional),  $r = 0,418$ ,  $p < 0,001$  (confiança e identificação nacional).

Considerando apenas os participantes do Grupo Controle, a correlação entre autoestima e confiança ( $r = 0,253$ ,  $p = 0,404$ ) e entre autoestima e identificação nacional ( $r = 0,106$ ,  $p = 0,731$ ) foram menores que as correlações gerais e todas não significativas. No entanto, a correlação entre confiança e identificação nacional foi maior,  $r = 0,665$ ,  $p = 0,013$ .

Ao considerar apenas os participantes do Grupo Experimental 1 (manipulação de confiança), as correlações entre autoestima e confiança e entre autoestima e identificação nacional foram maiores que no Grupo Controle,  $r = 0,473$ ,  $p = 0,041$ ,  $r = 0,365$ ,  $p = 0,125$ , respectivamente. No entanto, a correlação entre autoestima e identificação nacional não foi significativa para este grupo. A correlação entre confiança e identificação nacional foi menor que a do Grupo Controle,  $r = 0,558$ ,  $p = 0,013$ .

Analisando apenas os participantes do Grupo Experimental 2 (manipulação de alto controle), todas as correlações foram não significativas e a correlação entre confiança e identificação nacional foi menor que a do grupo controle,  $r = 0,323$ ,  $p = 0,153$  (autoestima e confiança),  $r = 0,146$ ,  $p = 0,527$  (autoestima e identificação nacional),  $r = 0,216$ ,  $p = 0,347$  (confiança e identificação nacional). Por outro lado, considerando apenas os participantes do Grupo Experimental 3 (manipulação de símbolos nacionais), as correlações entre autoestima e confiança e entre autoestima e identificação nacional foram maiores que essas correlações no grupo controle,  $r = 0,653$ ,  $p < 0,001$ ,  $r = 0,281$ ,  $p = 0,173$ , respectivamente. No entanto, a correlação entre autoestima e identificação nacional não foi significativa para este grupo. A correlação entre confiança e identificação nacional foi não significativa e menor que a do Grupo Controle,  $r = 0,222$ ,  $p = 0,287$ .

### **Efeitos dos Grupos Experimentais e do Período da Coleta**

As análises foram feitas considerando os itens de civismo separadamente e não compondo um escore único. Isso foi feito porque os dois itens não apresentaram uma associação significativa,  $\chi^2(4) = 6,998$ ,  $p = 0,136$ ,  $V \text{ de Cramer} = 0,212$ . O grupo em que o participante foi alocado não teve efeito significativo na autoestima implícita  $F(3, 78) = 0,361$ ,  $p = 0,781$ ,  $\eta^2 p = 0,014$ , nem na confiança implícita no endogrupo  $F(3, 78) = 0,614$ ,  $p = 0,608$ ,

$\eta^2p = 0,024$ , nem na identificação implícita  $F(3, 78) = 0,265$ ,  $p = 0,850$ ,  $\eta^2p = 0,011$ . A Tabela 3 mostra as médias da autoestima, confiança e identificação nacional implícitas por grupo.

Tabela 3. Médias da Autoestima, Confiança e Identificação Nacional Implícitas por Grupo.

	Autoestima implícita	Confiança implícita no endogrupo	Identificação nacional implícita
Grupo Controle	$M = 0,75$ ( $DP = 0,36$ )	$M = 0,75$ ( $DP = 0,44$ )	$M = 0,85$ ( $DP = 0,41$ )
Grupo	$M = 0,67$ ( $DP = 0,40$ )	$M = 0,57$ ( $DP = 0,44$ )	$M = 0,76$ ( $DP = 0,33$ )
Experimental 1 – Confiança			
Grupo	$M = 0,62$ ( $DP = 0,38$ )	$M = 0,66$ ( $DP = 0,26$ )	$M = 0,76$ ( $DP = 0,27$ )
Experimental 2- Alto controle			
Grupo	$M = 0,64$ ( $DP = 0,32$ )	$M = 0,69$ ( $DP = 0,36$ )	$M = 0,75$ ( $DP = 0,35$ )
Experimental 3 – Símbolos Nacionais			

O período da coleta de dados (antes ou depois das eleições) não teve efeito significativo na autoestima implícita  $F(1, 78) = 0,003$ ,  $p = 0,958$ ,  $d = 0,001$ , nem na identificação implícita  $F(1, 78) = 0,540$ ,  $p = 0,465$ ,  $d = 0,016$ , mas teve efeito significativo na confiança implícita no endogrupo  $F(1, 78) = 3,961$ ,  $p = 0,05$ ,  $d = 0,042$ . A Tabela 4 mostra as médias da autoestima, confiança e identificação nacional implícitas considerando o período da coleta.

Tabela 4. Médias da Autoestima, Confiança e Identificação Nacional Implícitas Considerando o Período da Coleta.

	Autoestima implícita	Confiança implícita no endogrupo	Identificação nacional implícita
Antes das eleições	$M = 0,66$ ( $DP = 0,37$ )	$M = 0,75$ ( $DP = 0,36$ )	$M = 0,74$ ( $DP = 0,37$ )
Depois das eleições	$M = 0,66$ ( $DP = 0,35$ )	$M = 0,58$ ( $DP = 0,37$ )	$M = 0,80$ ( $DP = 0,30$ )

Um teste de Kruskal-Wallis indicou que o grupo em que o participante foi alocado não teve efeito significativo na resposta ao item de civismo “Fraudar impostos se tiver oportunidade”,  $\chi^2(3) = 0,821$ ,  $p = 0,844$ ,  $\eta^2 = 0,029$ , nem na resposta ao item “Evitar pagar tarifa no transporte público”,  $\chi^2(3) = 4,707$ ,  $p = 0,195$ ,  $\eta^2 = 0,023$ . A Tabela 5 mostra as médias das respostas aos itens de civismo por grupo.

Tabela 5. Médias das Respostas aos Itens de Civismo por Grupo.

	Fraudar impostos se tiver oportunidade	Evitar pagar tarifa no transporte público
Grupo Controle	$M = 1,85$ ( $DP = 0,37$ )	$M = 1,62$ ( $DP = 0,50$ )
Grupo Experimental 1	$M = 1,68$ ( $DP = 0,58$ )	$M = 1,42$ ( $DP = 0,50$ )
– Confiança		
Grupo Experimental 2- Alto controle	$M = 1,76$ ( $DP = 0,43$ )	$M = 1,38$ ( $DP = 0,59$ )
Grupo Experimental 3	$M = 1,72$ ( $DP = 0,45$ )	$M = 1,20$ ( $DP = 0,57$ )
– Símbolos Nacionais		

O período da coleta de dados (antes ou depois das eleições) também não teve efeito significativo na resposta ao item de civismo “Fraudar impostos se tiver oportunidade”,  $\chi^2 (1) = 0,038$ ,  $p = 0,846$ ,  $\eta^2 = 0,013$ , mas teve efeito significativo na resposta ao item “Evitar pagar tarifa no transporte público”,  $\chi^2 (1) = 4,055$ ,  $p = 0,044$ ,  $\eta^2 = 0,04$ . A Tabela 6 mostra as médias das respostas aos itens de civismo considerando o período da coleta.

Tabela 6. Médias das Respostas aos Itens de Civismo Considerando o Período da Coleta.

	Fraudar impostos se tiver oportunidade	Evitar pagar tarifa no transporte público
Antes das eleições	$M = 1,76 (DP = 0,43)$	$M = 1,50 (DP = 0,55)$
Depois das eleições	$M = 1,73 (DP = 0,50)$	$M = 1,25 (DP = 0,54)$

### Efeitos da Autoestima, Confiança e Identificação Nacional Implícitas no Civismo

Uma análise de regressão linear mostrou haver efeito negativo marginalmente significativo entre identificação nacional implícita e o item de civismo “Fraudar impostos se tiver oportunidade”,  $\beta = -0,246$ ,  $p = 0,053$ . Mas não se identificou efeito entre autoestima implícita,  $\beta = 0,018$ ,  $p = 0,887$ , e confiança,  $\beta = 0,076$ ,  $p = 0,574$ , e esse item de civismo. A análise considerando o item “Evitar pagar tarifa no transporte público” mostrou não haver efeito da autoestima implícita,  $\beta = 0,009$ ,  $p = 0,948$ , nem da confiança implícita no endogrupo,  $\beta = -0,001$ ,  $p = 0,993$ , nem da identificação nacional implícita,  $\beta = -0,022$ ,  $p = 0,865$ .

Considerando apenas o grupo controle, a análise de regressão mostrou haver efeito significativo entre confiança implícita no endogrupo e o item de civismo “Fraudar impostos se tiver oportunidade”,  $\beta = 0,801$ ,  $p = 0,050$ , efeito negativo marginalmente significativo entre identificação nacional implícita e esse item,  $\beta = -0,755$ ,  $p = 0,053$ , e efeito não significativo

entre autoestima implícita e o mesmo item,  $\beta = -0,256$ ,  $p = 0,361$ . A análise considerando o item “Evitar pagar tarifa no transporte público” mostrou não haver efeito da autoestima implícita,  $\beta = -0,268$ ,  $p = 0,358$  nem da confiança implícita no endogrupo,  $\beta = -0,380$ ,  $p = 0,329$ , nem da identificação nacional implícita,  $\beta = -0,134$ ,  $p = 0,717$ .

### Efeitos das Variáveis Disposicionais

O sexo e a idade dos participantes não tiveram efeito significativo na autoestima, na confiança e na identificação nacional implícitas, conforme se verifica na Tabela 7. A média da identificação nacional implícita das participantes do sexo feminino foi menor que a média dos participantes do sexo masculino (Tabela 8).

Tabela 7. Efeitos de Sexo e Idade dos Participantes na Autoestima, na Confiança e na Identificação Nacional Implícitas.

	Sexo	Idade
Autoestima implícita	$F(1, 78) = 0,001$ , $p = 0,978$ , $d = 0,001$	$F(1, 78) = 0,404$ , $p = 0,527$ , $\eta^2 p = 0,005$
Confiança implícita no endogrupo	$F(1, 78) < 0,001$ , $p = 0,989$ , $d < 0,001$	$F(1, 78) = 0,471$ , $p = 0,495$ , $\eta^2 p = 0,006$
Identificação nacional implícita	$F(1, 78) = 2,490$ , $p = 0,119$ , $d = 0,042$	$F(1, 78) = 1,828$ , $p = 0,180$ , $\eta^2 p = 0,024$

Um modelo de regressão *probit* ordinal incluindo sexo e idade como variáveis preditoras do item de civismo “Fraudar impostos se tiver oportunidade” não foi significativo,  $\chi^2(2) = 0,523$ ,  $p = 0,770$ , *pseudo R<sup>2</sup> Cox e Snell* = 0,007. O modelo incluindo sexo e idade como variáveis preditoras do item de civismo “Evitar pagar tarifa no transporte público” também não foi significativo,  $\chi^2(2) = 3,820$ ,  $p = 0,148$ , *pseudo R<sup>2</sup> Cox e Snell* = 0,048.

Tabela 8. Médias de Autoestima, Confiança e Identificação Nacional Implícitas em Função do Sexo.

	Masculino	Feminino
Autoestima implícita	( $M = 0,66, DP = 0,37$ )	( $M = 0,66, DP = 0,36$ )
Confiança implícita no endogrupo	( $M = 0,66, DP = 0,39$ )	( $M = 0,66, DP = 0,37$ )
Identificação nacional implícita	( $M = 0,88, DP = 0,30$ )	( $M = 0,74, DP = 0,34$ )

### Discussão

Conforme hipotetizado, as variáveis autoestima implícita, confiança implícita no endogrupo e identificação nacional implícita apresentaram correlações positivas e significativas. Entretanto, ao analisar separadamente, nos Grupos Experimentais 1 (manipulação de confiança) e 3 (manipulação de símbolos nacionais) a relação entre autoestima e confiança foi maior que no Grupo Controle, enquanto a relação entre autoestima e identificação nacional não foi significativa. No Grupo Experimental 2 (manipulação de alto controle), todas as relações não foram significativas. Já no Grupo Controle, a relação entre confiança no endogrupo e identificação nacional implícitas foi maior que nos Grupos Experimentais. Também não foi identificado efeito significativo do grupo na autoestima, confiança no endogrupo e identificação nacional implícitas, sendo que, em média os escores nessas três variáveis foram maiores para os participantes do Grupo Controle.

Uma possível explicação para esses resultados é o efeito das manipulações experimentais ter sido diferente do previsto. Apesar da hipótese de que variáveis com potencial efeito positivo em ao menos uma das variáveis da tríade de balanceamento cognitivo, ou com efeito

potencial no aumento da consistência cognitiva, têm efeito positivo nas demais e no civismo – considerando a relação entre confiança e civismo (Crepaz et al., 2014; Wray-lake & Flanagan, 2012) –, não foi feita mensuração do estado afetivo. Falar sobre coisas positivas em relação aos brasileiros e aos símbolos nacionais do Brasil, caso esse relato seja incompatível com as cognições que a pessoa possui, pode ter eliciado dissonância cognitiva nos participantes. Quanto ao grupo de percepção de controle, em que era esperado potencial efeito de aumento da consistência e que, por isso, a relação entre as variáveis seria maior, uma possível explicação para a ausência do efeito é que a evocação de uma memória em que houve a percepção de controle pode não ter o mesmo efeito que a vivência da percepção.

Também não foi identificado efeito do grupo nos itens de civismo, nem efeito da autoestima e confiança no endogrupo implícitas nos itens de civismo. No entanto, a identificação nacional apresentou efeito significativo no item de civismo “Fraudar impostos se tiver oportunidade”. O efeito identificado foi negativo, indicando que quanto maior a associação dos estímulos da categoria “Brasil” aos estímulos da categoria alvo “Eu”, menor a pontuação no item de civismo. Ao considerar apenas o Grupo Controle, foi identificado efeito positivo e significativo da confiança implícita no endogrupo, além de efeito negativo e marginalmente significativo da identificação nacional implícita no mesmo item de civismo. Esses efeitos indicam que, para os participantes do Grupo Controle, a maior associação dos estímulos da categoria “Brasil” aos estímulos da categoria alvo “Eu” também estava associada a menor pontuação no item de civismo, mas que a maior a associação dos estímulos da categoria “Brasil” a atributos positivos estava associada a maior pontuação no item de civismo.

Esse resultado é diferente do hipotetizado, já que era esperado efeito da confiança no endogrupo no civismo em todos os grupos (Crepaz et al., 2014; Wray-lake & Flanagan, 2012), além de efeito do aumento da acessibilidade cognitiva de aspectos positivos do

endogrupo na confiança, autoestima e identificação (Rudman & Goodwin, 2004) e efeito do aumento da acessibilidade cognitiva de símbolos nacionais na identificação (Payne & Cameron, 2010). Quanto a esse último efeito não encontrado, a relação positiva entre símbolos nacionais e identificação nacional foi identificada em pesquisas anteriores apenas em países relativamente homogêneos étnica e culturalmente (Finell et al., 2013), o que não é a realidade do Brasil. Além disso, o significado atribuído a símbolos nacionais é muito dependente do contexto e do momento histórico (Finell et al., 2013), mas aumentar o conhecimento acerca de como as pessoas reagem aos símbolos nacionais pode revelar formas de utilizá-los para unir identidades divididas e reduzir conflitos (Butz, 2009).

A teoria unificada de cognição social implícita prevê que a tríade de balanceamento testada neste estudo envolve autoestima implícita, identificação implícita e atitude implícita em relação ao grupo (Greenwald et al., 2002). Mas para a tríade estar balanceada, considerando que a autoestima tende a ser positiva (Fiske & Taylor, 2008), a atitude em relação ao grupo também seria positiva, pois compartilha a valência do *self* em tríades balanceadas. Assim, nesta Tese foi proposto que a atitude positiva em relação ao grupo, a associação implícita grupo-positivo, seria sinônimo de confiança no endogrupo, que é definida como a tendência de confiar que membros do endogrupo façam coisas boas e sejam bons (Fiske & Taylor, 2008). O efeito encontrado da confiança implícita no endogrupo no item de civismo para o grupo controle pode ser um indício do sinônimo proposto.

Sexo e idade, diferentemente do hipotetizado, não tiveram efeito significativo na confiança implícita no endogrupo. Uma possível explicação para a ausência do efeito da idade, assim como nos Estudo 1 e 2, é a baixa variação de idade dos participantes. A ausência do efeito de sexo pode ser pela quantidade desproporcional de participantes do sexo masculino e feminino, com mais de 70% dos participantes do sexo feminino. Também não houve efeito de sexo e idade na autoestima e identificação implícitas, nem nos itens de

civismo. Foi identificado um efeito não hipotetizado do período da coleta de dados na confiança implícita no endogrupo e no item de civismo “Evitar pagar tarifa no transporte público”. As médias de resposta nessas duas variáveis foram significativamente menores após as eleições do país.

Apesar do enfoque dado nessa pesquisa, os resultados não se restringem a grupos referentes a categorias sociais, como pessoas de mesma nacionalidade (Forsyth & Burnette, 2010), uma vez que a relação entre as variáveis apontadas é potencialmente aplicável para compreensão de fenômenos grupais diversos (Greenwald et al., 2002).

## Limitações

Uma limitação desta tese foi ter considerado como mais lógica a relação entre confiança e civismo, apesar de não estar estabelecida de forma consensual na literatura. Enquanto existe publicação que indica relação positiva entre estas duas variáveis (Wray-lake & Flanagan, 2012), outra postula que existe quando a confiança é em relação ao endogrupo, não a generalizada. Ela indica a necessidade da diferenciação em tipos de confiança, de forma a ampliar a compreensão do impacto da confiança na sociedade (Crepaz et al., 2014). No Estudo 3 foi possível identificar efeito da confiança implícita no endogrupo em item de civismo, mas apenas para o Grupo Controle.

Ainda, conforme relatado, a medida de civismo utilizada passou por uma modificação. Entre os itens propostos, havia um terceiro, que questionava o participante sobre sua participação nas eleições, mas foi retirado já que o voto no Brasil é obrigatório. Isso pode ter prejudicado a validade da medida e afetou seu índice de confiabilidade conforme observado nos Estudos 1 e 3. Outra questão foi o procedimento utilizado na coleta de dados dos Estudos 2 e 3. A escolha pela condução da pesquisa *online* evita o efeito das expectativas e crenças do experimentador no comportamento dos participantes e nos efeitos investigados (Gilder & Heerey, 2018). Entretanto, essa escolha resultou em muitas perdas, como erros de registro de dados decorrentes de quedas de conexão à Internet dos participantes e diminuição da adesão, por receio dos participantes de fazer o download de extensão necessária para a participação no navegador.

Outra limitação é que, apesar de o grupo estudado nesta tese fazer parte do mesmo tipo que o que deu base à teoria unificada de cognição social implícita, podem ter ocorrido divergências conceituais com a seleção da nacionalidade. Segundo Forsyth (2010), nacionalidade e sexo são grupos do tipo “categoria”. Apesar de a teoria unificada propor que a tríade de balanceamento é potencialmente aplicável a qualquer tipo de grupo (Greenwald et

al., 2002), alguns problemas conceituais precisam ser apontados. Por exemplo, a associação grupo-positivo, como indicado anteriormente, apesar de identificada na teoria como atitude em relação ao grupo, para haver balanceamento com a autoestima, comumente positiva, seria necessariamente uma atitude positiva em relação ao grupo. Conceitualmente, parece sinônimo da definição de confiança no endogrupo proposta por Fiske e Taylor (2008).

Outro potencial problema conceitual é que, ao escolher os estímulos para os TAIs de identificação e confiança, foram selecionados estímulos que fazem referência ao Brasil, mas não necessariamente aos brasileiros. Assim, pode ser que os construtos mensurados nesta tese sejam nacionalismo e confiança política, não identificação com o endogrupo e confiança no endogrupo. Apesar disso, foram encontradas evidências de adequação das medidas: No Estudo 2, a escala de identificação com o grupo apresentou correlação moderada e significativa com o TAI de identificação; e os três TAIs no Estudo 3 (autoestima, confiança no endogrupo e identificação nacional) apresentaram correlação positiva e significativa, congruente com o proposto na teoria unificada de cognição social implícita.

Lödén (2014) indica que a confiança que se relaciona com a identificação nacional é a confiança política, nos atores e instituições políticas e legais de um país, sendo que esses atores e essas instituições contribuem para o desenvolvimento desse tipo de confiança quando apresentam um desempenho adequado. Ele indica, ainda, que a relação entre essas duas variáveis existe quando a identidade nacional é cívica e não étnica. Sendo o Brasil um país muito heterogêneo, que não possui uma identidade étnica claramente definida, a utilização de estímulos que representem os brasileiros, não o Brasil, é um desafio para a construção de instrumentos.

### **Considerações Finais**

Para além da incorporação de resultados empíricos realizados em outras culturas, espera-se que os resultados desta pesquisa tenham possibilitado certa fundamentação, a partir da ampliação do conhecimento de processos cognitivos explícitos e implícitos intraculturais, para futuras ações que visem ao aprimoramento da confiança, da identidade nacional e do civismo no Brasil. No entanto, o efeito das mudanças políticas e sociais que o país está passando requer constante investigação, considerando a potencial influência dessas mudanças nas atitudes implícitas e explícitas dos cidadãos (uma evidência potencial disso é a diminuição significativa no civismo e na confiança após as eleições identificada nesta tese). Espera-se também que os instrumentos desenvolvidos apresentem relevância metodológica para utilização futura por outros pesquisadores.

## Referências

- Aghion, P., Algan, Y., Cahuc, P., & Shleifer, A. (2010). Regulation and distrust. *Quarterly Journal of Economics*, 125(3), 1015–1049.
- Altamirano, C. (2016, Outubro 6). Brasil é o 4º país mais corrupto do mundo, segundo Fórum Econômico Mundial. *El País*. Retirado de [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/03/internacional/1475517627\\_935822.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/03/internacional/1475517627_935822.html)
- Berry, J. W., Phinney, J. S., Sam, D. L., & Vedder, P. (2006). Immigrant Youth: Acculturation, Identity, and Adaptation. *Applied Psychology*, 55(3), 303–332. <http://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2006.00256.x>
- Baumeister, R. F. (1998). The self. Em D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *Handbook of social psychology* (pp.680–740). New York: McGraw-Hill.
- Berg, L., & Hjern, M. (2010). National identity and political trust. *Perspectives on European Politics and Society*, 11(4), 390–407. <http://doi.org/10.1080/15705854.2010.524403>
- Butz, D. A. (2009). National symbols as agents of psychological and social change. *Political Psychology*, 30(5), 779–804. <http://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2009.00725.x>
- Cohen, J. (2013). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. New York: Academic press.
- Coll, K. M., Powell, S., Thobro, P., & Haas, R. (2010). Family functioning and the development of trust and intimacy among adolescents in residential treatment. *The Family Journal*, 18(3), 255–262. <http://doi.org/10.1177/1066480710372082>
- Crepaz, M. M. L., Polk, J. T., Bakker, R. S., & Singh, S. P. (2014). Trust matters: The impact of ingroup and outgroup trust on nativism and civicness. *Social Science Quarterly*, 95(4), 938–959. <http://doi.org/10.1111/ssqu.12082>

- Derks, J., Lee, N. C., & Krabbendam, L. (2014). Adolescent trust and trustworthiness: Role of gender and social value orientation. *Journal of Adolescence*, 37(8), 1379–1386.  
<http://doi.org/10.1016/j.adolescence.2014.09.014>
- Ferguson, M. J., Carter, T. J., & Hassin, R. R. (2009). On the automaticity of American nationalist ideology: The case of the USA. Em J. T. Jost, A. C. Kay, & H. Thorisdottir (Eds.), *Social and psychological bases of ideology and system justification* (pp. 53–84). New York: Oxford University Press.
- Ferguson, M. J., & Hassin, R. R. (2007). On the automatic association between America and aggression for news watchers. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33, 1632–1647.
- Festinger, L. (1957). *A Theory of Cognitive Dissonance*. Evanston, IL: Row, Peterson.
- Finell, E., Olakivi, A., Liebkind, K., & Lipsanen, J. (2013). Does it matter how I perceive my nation? National symbols, national identification and attitudes toward immigrants. *Scandinavian Journal of Psychology*, 54, 529–535. <http://doi.org/10.1111/sjop.12082>
- Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (2008). *Social cognition: From brains to culture*. New York: McGraw-Hill.
- Fong, V. (2004). Filial nationalism among Chinese teenagers with global identities. *American Ethnologist*, 31(4), 631–648.
- Forsyth, D. R., & Burnette, J. (2010). Group processes. Em R. F. Baumeister & E.J. Finkel (Eds.) *Advanced social psychology: The state of the science* (pp. 495 – 534). New York: Oxford University Press.
- Forsyth, D. R. (2010). *Group dynamics* (5th ed.). Belmont, CA: Wadsworth/Th ompson.
- Fukuyama, F. (1995). *Trust: The social virtues and the creation of prosperity*. New York: Free Press.

- Gächter, S., & Schulz, J. F. (2016). Intrinsic honesty and the prevalence of rule violations across societies. *Nature*, *531*(7595), 496–499. <http://doi.org/10.1038/nature17160>
- Gaertner, L., Sedikides, C., Vevea, J. L., & Iuzzini, J. (2002). The “I,” the “we,” and the “when”: a meta-analysis of motivational primacy in self-definition. *Journal of Personality and Social Psychology*, *83*(3), 574–591. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.83.3.574>
- Gilder, T. S. E., & Heerey, E. A. (2018). The role of experimenter belief in social priming. *Psychological Science*, *29*(3), 403–417. <https://doi.org/10.1177/0956797617737128>
- Glashouwer, K. A., Smulders, F. T. Y., de Jong, P. J., Roefs, A., & Wiers, R. W. H. J. (2013). Measuring automatic associations: Validation of algorithms for the Implicit Association Test (IAT) in a laboratory setting. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, *44*(1), 105–113. <http://doi.org/0.1016/j.jbtep.2012.07.015>
- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. K. L. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The Implicit Association Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*, 1464-1480.
- Greenwald, A. G., Banaji, M. R., Rudman, L. A., Farnham, S. D., Nosek, B. A., & Mellott, D. S. (2002). A unified theory of implicit attitudes, stereotypes, self-esteem, and self-concept. *Psychological Review*, *109*(1), 3–25. <http://doi.org/10.1037/0033-295X.109.1.3>
- Greenwald, A., Nosek, B. A., & Banaji, M. R. (2003). Understanding and using the implicit association test: I. An improved scoring algorithm. *Journal of Personality and Social Psychology*, *85*(2), 197–216. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.85.2.197>
- Han, S. (2017). Attachment insecurity and openness to diversity: The roles of self-esteem and trust. *Personality and Individual Differences*, *111*, 291–296. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.033>

- Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. New York: Wiley.
- Hofmann, W., Gawronski, B., Gschwendner, T., Le, H., & Schmitt, M. (2005). A meta-analysis on the correlation between the Implicit Association Test and explicit self-report measures. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *31*(10), 1369–1385. <http://doi.org/10.1177/0146167205275613>
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, *10*(1), 41-49.
- Kenworthy, J. B., & Jones, J. (2009). The roles of group importance and anxiety in predicting depersonalized ingroup trust. *Group Processes & Intergroup Relations*, *12*(2), 227–239. <http://doi.org/10.1177/1368430208101058>
- Lane, K. A., Banaji, M. R., Nosek, B. A., & Greenwald, A. G. (2007). Understanding and using the Implicit Association Test: IV. What we know (so far) (pp. 59–102). Em B. Wittenbrink & N. S. Schwarz (Eds.). *Implicit measures of attitudes: Procedures and controversies*. New York: Guilford Press.
- Latusek, D., & Olejniczak, T. (2016). Development of trust in low-trust societies. *Polish Sociological Review*, *3*(195), 309–325.
- Leotti, L. A., Iyengar, S. S., & Ochsner, K. N. (2010). Born to choose: The origins and value of the need for control. *Trends in Cognitive Sciences*, *14*(10), 457–463. <http://doi.org/10.1016/j.tics.2010.08.001>
- Lödén, H. (2014). Citizenship education, national identity and political trust: The case of Sweden. *Nordidactica – Journal of Humanities and Social Science Education*, *2*, 116–136.
- Loewenhaupt, R.S.S. & Iglesias, F. (2018). Perspectivas da cognição social implícita para redução do preconceito. *Revista Negócios em Projeção*, *9*(1), 278-286.

- Loewenhaupt, R., & Pilati, R. (2018). Nossos erros me afetam? Efeito de informações negativas na identificação com endogrupo e na autoestima. *Psicologia USP*, 29(2), 262-276. <https://doi.org/10.1590/0103-656420170051>
- Makin, S. (2017, Março 1). National corruption breeds personal dishonesty. *Scientific American*. Retirado de <https://www.scientificamerican.com/article/national-corruption-breeds-personal-dishonesty/>
- Mccarthy, M. H., Wood, J. V, & Holmes, J. G. (2017). Dispositional pathways to trust: Self-esteem and agreeableness interact to predict trust and negative emotional disclosure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 113(1), 95–116. <https://dx.doi.org/10.1037/pspi0000093>
- Meissner, F., & Rothermund, K. (2012). Estimating the contributions of associations and recoding in the implicit association test: The ReAL model for the IAT. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(1), 45–69. <http://doi.org/10.1037/a0030734>
- Miklikowska, M. (2012). Psychological underpinnings of democracy : Empathy, authoritarianism, self-esteem, interpersonal trust, normative identity style and openness to experience as predictors of support for democratic values. *Personality and Individual Differences*, 53(5), 603–608. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2012.04.032>
- Miklosi, J. (2007). Respecting, listening, and empowering: Three vital factors for increasing civic engagement in American teenagers. *Nat Civic Rev*, 96, 36–41. <http://doi.org/10.1002/ncr>
- Modesto, J., & Pilati, R. (2015). Implicit Deservingness: Implicit Association Test for belief in a just world. *Interamerican Journal of Psychology*, 49 (2), 203-212.
- Nisbett, R. E., & Masuda, T. (2003). Culture and point of view. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 100(19), 11163–11170. <http://doi.org/10.1073/pnas.1934527100>

- Oliveira, N. R., Janczura, G. A., & Castilho, G. M. (2013). Normas de alerta e valência para 908 palavras da língua Portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29, 185–200.  
<http://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200008>
- Osgood, C. E., & Tannenbaum, P. H. (1955). The principle of congruity in the prediction of attitude change. *Psychological Review*, 62, 42–55. <http://dx.doi.org/10.1037/h0048153>
- Payne, B. K., & Cameron, C. D. (2010). Divided minds, divided morals: How implicit social cognition underpins and undermines our sense of social justice. Em B. Gawronski, & B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition: Measurement, theory and applications* (pp. 445-460). New York, NY: Guilford Press.
- Petty, R. E., Briñol, P., & Johnson, I. (2012). Implicit ambivalence. Em Gawronski, B., & Strack, F. (2012). *Cognitive consistency: A fundamental principle in social cognition* (pp. 178-201). New York: Guilford Press.
- Rudman, L. A., & Goodwin, S. A. (2004). Gender differences in automatic in-group bias: Why do women like women more than men like men? *Journal of Personality and Social Psychology*, 87(4), 494–509. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.87.4.494>
- Schnabel, K., & Asendorpf, J. B. (2010). The self-concept: New insights from implicit measurement procedures. Em B. Gawronski, & B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition: Measurement, theory and applications* (pp. 408-25). New York, NY: Guilford Press.
- Sullivan, J. L., & Transue, J. E. (1999). The psychological underpinnings of democracy: A selective review of research on political tolerance, interpersonal trust, and social capital. *Annual Review of Psychology*, 50, 625–650.  
<http://doi.org/10.1146/annurev.psych.50.1.625>
- Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. London: Academic Press.

- Tajfel, H. (1982). *Social identity and intergroup relations*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behaviour. In S. Worchel & W. G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (pp. 7–24). Chicago: Nelson-Hall.
- Tanis, M., & Postmes, T. (2005). A social identity approach to trust: interpersonal perception, group membership and trusting behaviour. *European Journal of Social Psychology*, 35(3), 413–424. <http://doi.org/10.1002/ejsp.256>
- Thompson, L., & Fine, G. A. (1999). Socially shared cognition, affect and behavior: A review and integration. *Personality and Social Psychology Review*, 3(4), 278–302. [http://doi.org/10.1207/s15327957pspr0304\\_1](http://doi.org/10.1207/s15327957pspr0304_1)
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Oxford, England: Blackwell.
- Wray-lake, L., & Flanagan, C. A. (2012). Parenting practices and the development of adolescents social trust. *Journal of Adolescence*, 35(3), 549–560. <http://doi.org/10.1016/j.adolescence.2011.09.006>
- Yang, Z., Zhou, C., & Jiang, L. (2011). When do formal control and trust matter? A context-based analysis of the effects on marketing channel relationships in China. *Industrial Marketing Management*, 40(1), 86–96. <http://doi.org/10.1016/j.indmarman.2010.09.013>
- Zhou, X., He, L., Yang, Q., Lao, J., & Baumeister, R. F. (2012). Control deprivation and styles of thinking. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(3), 460–478. <http://doi.org/10.1037/a0026316>

## Apêndice A

*Estímulos utilizados para a categoria Eu-Não Eu dos Testes de Associação Implícita.*

<b>Eu</b>	<b>Não Eu</b>
Eu	Alheio
Mim	Eles
Meu	Deles
Minha	Outros
Comigo	Seu
Me	Tu
Próprio	Lhe

*Estímulos utilizados para a categoria Positivo-Negativo dos Testes de Associação Implícita.*

<b>Positivo</b>	<b>Negativo</b>
Liberdade	Miséria
Diversão	Veneno
Felicidade	Tragédia
Vitória	Morte
Paz	Pobreza
Delícia	Tumor
Vida	Doença
Férias	Câncer

## Apêndice B

*Itens da Escala de Autoestima (medida em Escala Likert de 1 a 4, variando de Concordo Completamente a Discordo Completamente)*

---

Sinto que sou uma pessoa digna, pelo menos tanto quanto as outras.

Estou convencido (a) de que tenho qualidades.

Em geral, tendo a pensar que sou um (a) fracassado (a).

Sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.

Sinto que não tenho muito do que me orgulhar.

Tenho uma atitude positiva a meu respeito.

No geral, estou satisfeito (a) comigo mesmo (a).

Eu gostaria de sentir mais respeito por mim mesmo (a).

Algumas vezes penso que realmente sou inútil.

Muitas vezes penso que sou uma boa pessoa.

---

## Apêndice C

*Itens de confiança – tradução adaptada de itens de confiança do General Social Survey (medida em Escala Likert de 1 a 5, variando de Concordo Completamente a Discordo Completamente).*

---

Eu diria que a maioria das pessoas são confiáveis.

Eu preciso ter cautela ao lidar com as pessoas

Eu acredito que a maioria das pessoas tentaria tirar vantagem de mim se tivessem oportunidade.

Eu acredito que a maioria das pessoas tenta agir de forma justa.

Eu diria que na maior parte do tempo as pessoas tentam ser prestativas.

Eu diria que na maior parte do tempo as pessoas se preocupam apenas consigo mesmas.

---

*Itens de civismo (medida em Escala Likert de 1 a 3, variando de nunca justificável, às vezes justificável ou sempre justificável).*

---

Fraudar impostos se tiver oportunidade.

Evitar pagar tarifa no transporte público.

---

## Apêndice D

*Itens da Escala de identificação nacional (medida em Escala Likert de 1 a 7, variando de Discordo Completamente a Concordo Completamente)*

---

Sou feliz por ser brasileiro.

É agradável ser brasileiro.

Sinto-me ligado aos brasileiros.

Os brasileiros são muito parecidos uns aos outros.

Eu acho que os brasileiros têm muito do que se orgulhar.

O fato de ser brasileiro é uma parte importante de como eu me vejo.

Eu tenho muito em comum com um típico brasileiro.

Sinto-me comprometido com os brasileiros.

Ser brasileiro me dá uma sensação boa.

Eu frequentemente penso sobre o fato de ser brasileiro.

Sou parecido com um típico brasileiro.

Os brasileiros têm muito em comum uns com os outros.

O fato de ser brasileiro é uma parte importante de minha identidade.

Sinto-me solidário com os brasileiros.

---

## Apêndice E

### *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE*

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa do Laboratório de Psicologia Social da Universidade de Brasília (UnB). O objetivo dessa pesquisa é analisar as propriedades psicométricas de alguns instrumentos. Espera-se verificar se os instrumentos estão adequados para serem utilizados em pesquisas futuras.

Garantimos que todas as informações dadas ficarão sob a guarda dos pesquisadores responsáveis. Os dados serão utilizados unicamente para a produção de relatórios científicos.

A sua participação será através de duas tarefas, seguidas de um questionário sociodemográfico. O tempo de participação é de aproximadamente 20 minutos.

Sua participação é voluntária. Você pode desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem qualquer ônus para você.

Não há riscos de cunho físico, psicológico ou moral envolvidos na realização da tarefa.

Caso queira mais informações sobre a pesquisa, entre em contato com os pesquisadores responsáveis Raquel Sousa ([raquelrss.unb@gmail.com](mailto:raquelrss.unb@gmail.com)) ou Fabio Iglesias ([iglesias@gmail.com](mailto:iglesias@gmail.com)).

### **Instruções para participação**

- Por favor, procure um ambiente tranquilo e silencioso para participar da pesquisa.
- **A pesquisa NÃO pode ser realizada pelo celular!**
- Faça-a em um horário que você possa dispor do tempo previsto de participação (aproximadamente 20min) sem sofrer interrupções. Isso é muito importante para garantir a integridade dos dados.
- Não há respostas certas ou erradas. Seja o mais sincero possível e responda aos instrumentos com atenção.

Caso concorde com o termo de consentimento e esteja disposto(a) a cumprir as instruções acima, clique no link para participação.

Você será redirecionado ao ambiente de coleta online da millisecond (<https://www.millisecond.com/>). Você precisará instalar uma extensão em seu navegador. Não há nenhum risco nessa instalação! Prossiga com a participação até o fim da pesquisa (questionário sociodemográfico).

### **Link para participação:**

Agradecemos pela gentileza de sua participação!

## Apêndice F

### *Instrução dada aos participantes do grupo experimental 1– Confiança*

Por favor, pense em uma característica POSITIVA dos brasileiros. Pode ser uma característica cultural, algum acontecimento positivo que marcou a história do país, algum brasileiro que é motivo de orgulho, etc. Descreva detalhadamente a característica positiva dos brasileiros que você pensou como se a estivesse contando para uma criança. O seu objetivo deve ser contribuir para que ao pensar sobre o fato de ser brasileira a criança sinta orgulho.

### *Instrução dada aos participantes do grupo experimental 2 – Alto controle*

Por favor, lembre-se de um incidente em particular em que algo aconteceu e você estava no controle total da situação. Descreva detalhadamente a situação em que você se sentiu em completo controle - o que aconteceu, como você se sentiu, etc.

### *Instrução dada aos participantes do grupo experimental 3 – Símbolos nacionais*

Por favor, pense na bandeira do Brasil. Em seguida, pense em uma explicação POSITIVA para as cores da bandeira do Brasil serem as que são. Descreva detalhadamente a explicação positiva para as cores da bandeira que você pensou como se a estivesse contando para uma criança. O seu objetivo deve ser contribuir para que ao pensar sobre a bandeira do Brasil a criança sinta orgulho e pense em coisas boas.